

REDES SOCIAIS: A Construção Interna Frente ao Mundo Líquido

Ane Caroline Ramires de Sousa

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

João Paulo Costa de Oliveira

Graduando em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

André Masao Peres Tokuda

Mestre em Psicologia e Sociedade – UNESP;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Laiana Tiemi Kawashima

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

As tecnologias revolucionárias transformaram, de forma significativa, o tecido social das civilizações ao longo da história. Na atualidade, o mundo é globalizado, o tempo é “efêmero”, e a liberdade é um fator difuso no âmbito social. As redes virtuais e suas emergentes transformações nas estruturas sociais da civilização contemporânea, criaram novos meios pelos quais os indivíduos podem interagir, se expressar e se constituir. Neste trabalho são apresentados vários estudos sobre como as redes sociais de internet podem influenciar na construção da subjetividade das pessoas, utilizando como base o conceito sociológico da modernidade líquida de Zygmunt Bauman.

PALAVRAS-CHAVE: redes sociais; modernidade líquida; subjetividade; contemporaneidade.

1 INTRODUÇÃO

Todas as grandes tecnologias revolucionárias transformaram inúmeros aspectos da esfera social da civilização humana, inclusive a forma como as pessoas se relaciona (NIR, 2012). No ano de 1500, décadas após a invenção da prensa tipográfica, nós não tínhamos a velha Europa junto à imprensa. Tínhamos uma Europa completamente diferente (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

De fato, o mesmo poder se configurou às redes sociais. Com uma multiplicidade de tecnologias difundidas pela a conexão via internet, hoje se possui novos meios pelos quais os indivíduos possam se interagir e manter relacionamentos (NIR, 2012; RIBEIRO; LEITE; SOUSA, 2009; ZAPPAVIGNA, 2016). Esses mecanismos se constituem em uma ótica mais tenaz, entrelaçados aos aspectos socioculturais nos quais, hoje, já é um fundamento constituidor da sociedade

(BAUMAN, 2011; NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

Em dados estatísticos, estima-se que cerca de 90% dos jovens americanos usam redes sociais, visitando os sites ao menos uma vez ao dia (PRIMACK et al., 2017). De 2005-2013, a população de usuários adultos com idades entre 18-29 anos teve um crescimento de 9-90%, constituindo um total de 74% dos adultos conectados nas redes (SHENSA et al., 2015). O líder do *ranking* em número de usuários é o *Facebook*, que em 2012 atingiu o marco de um bilhão de pessoas cadastradas (ROSADO; TOMÉ, 2015).

Estas redes implicam em um sistema interativo que permite a formulação e criação de grupos voltados à comunicação por meio de comunidades online, com o intuito de fornecer subsídios para a troca de informações (ANTUNES et al., 2014). Tais mecanismos, enraizados de forma sólida nas estruturas sociais, difundem uma ampla gama de fatores que interferem diretamente na vida das pessoas (BAUMAN, 2003; NIR, 2012; RIBEIRO; LEITE; SOUSA, 2009; ZAPPAVIGNA, 2016).

Além de uma influência marcante nas formas de comunicação, elas também geram modificações relevantes na conduta das pessoas. As redes sociais interferem também em nossas escolhas, formas de agir, de se relacionar e estabelecer a própria imagem aos demais, ainda relacionada a sensação de solidão, capital social, *emotional support* (suporte emocional), percepção de isolamento social (PSI) e *Cyberbullying* (PRIMACK et al., 2017; SCHATZ, 2015; ANTUNES et al., 2014; WENDT; LISBOA, 2014; LIMA et al., 2012; NIR, 2012; CHOU; EDGE, 2011; MAHAPATRA; RIBEIRO; LEITE; SOUSA, 2009).

Tais fundamentos estão essencialmente entrelaçados ao conceito da modernidade líquida, elaborado pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2003), no qual abarca aspectos particulares das estruturas sociais modernas como: ampla velocidade de transformações, globalização, coexistência em contradições, relatividade de valores, instabilidades, excesso de informações, incerteza, avanço tecnológico e a preponderância da imagem (LIMA et al., 2012; TAVARES, 2012; TFOUNI; SILVA, 2008; BAUMAN, 2011, 2007; NICOLACI-DA-COSTA, 2002).

Para compreensão detalhada da ótica social e das transformações particulares dos sujeitos modernos, o presente trabalho se dispôs a estudar o conceito de modernidade líquida dentro dos fundamentos referentes ao processo de subjetivação, buscando, por meio de entrevistas semiestruturadas, comprovar o fator

estrutural das redes sociais e sua influência na subjetividade das pessoas do mundo contemporâneo.

1.1 Modernidade Líquida

A modernidade líquida é uma forma de pensamento elaborado pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2003) com o objetivo de definir o funcionamento dos indivíduos contemporâneos. É um conceito de difusão inerente para a compressão do ser humano moderno, cujo tem como base as relações humanas, o desenvolvimento acelerado e as instabilidades recorrentes no plano social (AZAMBUJA, 2012; TFOUNI; SILVA, 2008; BAUMAN, 2003).

Tais características que fundamentam a civilização moderna inserem as pessoas em um mundo cada vez mais fragmentado, associado essencialmente pela decadência da autoridade - acarretando uma sensação de liberdade plena -, e ao crescimento do individualismo, no qual os valores, as crenças e o desejo pessoal constantemente suplantam as tentativas de uma conciliação com o bem comum a todos (LIMA et al., 2012; TAVARES, 2012).

A metáfora do líquido faz menção as instabilidades e as transformações constantes e em um nível muito acelerado de desenvolvimento, no qual as coisas não se mantem em sua forma sólida (BAUMAN, 2011). Nada é apreendido por completo, as propriedades se constituem em uma forma volátil de concretude, sendo este um dos grandes conflitos dessa geração (TAVARES, 2012). Tais conflitos excedem os valores sólidos que serviam como âncoras para a organização psíquica das pessoas, abrindo espaço para referenciais ainda em construção (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

Com inúmeras pluralidades nas instâncias socioculturais do mundo contemporâneo, o mundo líquido é um período marcado por propriedades peculiares como: ampla velocidade de transformações, globalização, coexistência em contradições, relatividade de valores, instabilidades, excesso de informações, o mal-estar da incerteza, avanço tecnológico e a preponderância da imagem (BAUMAN, 2007, 2011; LIMA et al., 2012; NICOLACI-DA-COSTA, 2002; TAVARES, 2012; TFOUNI; SILVA, 2008).

Para Tavares (2010), em um mundo de instabilidades, no qual o passado é ligeiramente esquecido e o presente é completamente “efêmero”, a criação de projetos de longo prazo se torna uma tarefa vã, já que o tempo é concebido como algo caótico,

e refletir sobre coisas futuras acaba se tornando uma tarefa árdua. Segundo Frezza, Grisci e Kessles, (2009), com a grande velocidade de informações e a sobreposição de tarefas, implicadas graças aos mecanismos tecnológicos, se disseminou uma percepção moderna específica; o sentimento contemporâneo de que o tempo está de passagem mais acelerada.

Essa natureza mutável do espaço e do tempo, historicamente está ligada aos padrões e escalas de organização social, no qual já é uma característica essencialmente moderna. Em cada momento histórico, com o desenvolvimento de tecnologias e equipamentos específicos, constituiu-se uma forma peculiar de perceber, contextualizar e experimentar o espaço e o tempo; deixando de ser aspectos fixos e permanente e se tornado fundamentos mutáveis e dinâmicos (BAUMAN, 2001).

Para Colombo (2012, p. 28) “estamos sendo criados, desde tenra idade, diante de cenários televisivos de violência, supervalorização do consumo, modismos e mazelas sociais e familiares”. Segundo Frezza, Grisci e Kessles (2009), as pessoas do mundo líquido vivem um paradoxo recorrente em relação ao tempo, no qual por um lado buscam a ociosidade, e por isso se contentam com consumos triviais (como os aparelhos eletrônicos) no qual, curiosamente, exige-se mais esforço e tempo de trabalho para possuir recursos para consumi-los.

Nessa perspectiva, o mundo líquido moderno constitui uma época marcada por inconstâncias, nas quais tudo é incerto e está sempre em transformação. Tal dissolução dos padrões sociais proporciona uma incerteza frente as certezas que temos no cotidiano; o que hoje parece solido e instável, amanhã pode ser apenas ilusão (BAUMAN, 2011).

A incerteza se tornou uma das poucas coisas genuínas nos indivíduos contemporâneos. As inúmeras referências, e instabilidades de tais referências, nos inserem em um mundo com inúmeras possibilidades. A dúvida passa a se consagrar como algo pleno na condição do sujeito, tonando a “escolha” um dos principais genitores do “mal-estar” nos sujeitos da atualidade (TAVARES, 2012).

Pelo fato de vivermos no apogeu do capitalismo e, por conseguinte, do consumismo da mesma forma, Bauman (2003) estabelece uma das grandes ambivalências da modernidade líquida, que é a ideia de não sermos mais um mero consumidor de objetos, mas também objetos de consumo. Hoje temos motivos mais

triviais em uma ótica sublime de consumismo, no qual aderimos os objetos de consumo, ou seja, tudo que compramos à nossa própria identidade.

Hoje, na contemporaneidade, vemos uma variedade de caminhos a serem seguidos, inúmeras referências a serem apreendidas e, no entanto, nenhuma de tais direções nos parecem detentoras de uma verdade plena (TAVARES, 2012). Para Azambuja (2012) o homem moderno vive uma contradição constante com a solidão, pois ao mesmo tempo em que visa um distanciamento de um estado ermo, busca, em mesmo grau uma solidão centrada em si mesmo.

Como pontua Frezza, Grisci e Kessles (2009), os valores, as crenças, os ideais e a ética se configuram mediante a organização líquida das práticas sociais. Essa constante contradição decorrente do alto fluxo de informações gera novos padrões e formas de agir no mundo contemporâneo (LIMA et al., 2012). Diante de uma fragmentação dos sistemas de valores, os indivíduos modernos sentem-se obstinados ao gozo e às conquistas constantes, o que cria, em seguida, “o *sentimento de vazio* e incompletude eterna, mesclado de indiferença e “mal-estar” que se concretizam na própria dinâmica do funcionamento espetacular de nosso cenário social” (TAVARES, 2012, p. 37).

No cenário do mundo líquido moderno, os efêmeros e fugazes prazeres tornam-se o ímpeto da contemporaneidade. Hoje, graças a todos os fundamentos maleáveis que regem a modernidade, lhes são concebidas “bodas” de tédio, angustia, insatisfação e “mal-estar” típicos da atualidade. (TAVARES, 2012). Cada um dos riscos está presente em um mundo cada vez mais “acelerado” e frenético (FREZZA; GRISCI; KESSLES, 2009), onde nada é definitivo e as propriedades são voláteis (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

1.2 Redes Sociais

Todas as grandes tecnologias revolucionárias transformaram inúmeros aspectos da esfera social da civilização humana, inclusive a forma como as pessoas se relacionam (NIR, 2012). No ano de 1500, décadas após a invenção da prensa tipográfica, nós não tínhamos a antiga Europa junto a imprensa. Tínhamos uma Europa completamente diferente (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

As transformações tecnológicas ao longo da história têm mudado a forma com nós nos comunicamos e tem substancialmente afetado a forma como nós nos socializarmos, interagimos e, por conseguinte, a forma como

mantemos relacionamentos. [...] Na atualidade, tecnologias multifuncionais estão combinando acesso à internet com celulares, funções de câmera, reprodutores de música e posicionando dispositivos de forma global. É fácil acessar a internet pelo seu celular, assim como tirar fotos com ele. Estas novas ferramentas de comunicação têm se tornado uma parte integral da nossa vida social, e é difícil de imaginar como nós poderíamos deparar-nos sem elas (NIR, 2012, p. 5, tradução nossa¹).

Com uma multiplicidade de tecnologias, difundidas pela a conexão via internet, hoje se possui novos meios pelos quais os indivíduos podem interagir e manter relacionamentos (ZAPPAVIGNA, 2016; NIR, 2012; RIBEIRO; LEITE; SOUSA, 2009). Esses mecanismos se constituem em uma ótica mais tenaz, entrelaçados aos aspectos socioculturais nos quais, hoje, já são um fundamento constituidor da sociedade (BAUMAN, 2011; NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

As redes sociais, nesta funcionalidade, são serviços *online* que permitem ao usuário criação de uma conta, possibilidade de adicionar outros utentes, customização particular de sua conta e capacidade de navegar entre as atividades de outros perfis. Os afiliados de tais serviços são caracterizados em qualidades adjetivas como “seguidores” (e.g. *Twitter*) ou “amigos” (e.g. *Facebook*), e permitem realizar atributos peculiares como captura, armazenamento e duplicação de conteúdo, além de uma ampla visibilidade e acesso de informações por meio de pesquisa (ZAPPAVIGNA, 2016).

Com a maior difusão de aparelhos eletrônicos (*Smartphone, Tablet, Ipad, notebook, computadores, etc...*) se teve uma maior propriedade de distribuição de apps, possibilitando aderir aos serviços com maior facilidade (ROSADO; TOMÉ, 2015). Segundo Arruda e Neves (2010) as redes sociais são traçadas mediante três princípios: ubiquidade (acontece em todos os lugares e já são características do mundo contemporâneo), universalidade (ampla descrição de fenômenos), e conectividade (interligando acontecimentos).

Essa variedade de possibilidades da rede permite a criação de uma identidade virtual, os famosos perfis, que são requeridos para os usuários de tais serviços

¹Ever changing technological advances throughout history have changed the way we communicate, and have substantially affected the way we socialize and interact and, by extension, the way we maintain relationships. [...] Now multifunctional technologies are combining internet access with the mobile phone, camera functions, music players and global positioning devices. It is as easy to access the internet from your phone as it is to take pictures with it. These new communication tools have become an integral part of our social lives and it is difficult to imagine how we would cope without them (NIR, 2012, p. 5).

(ZAPPAVIGNA, 2016). Esses sempre estão relacionados a “interação” do sujeito com alguém, no qual, caso desejado, pode-se alterar as suas informações pessoais e criar um perfil falso com o objetivo de não ser reconhecido pelos demais integrantes da rede (RECUERO, 2009). Essa simbologia representativa que os perfis proporcionam, segundo Santaella (2010 apud ROSADO; TOMÉ, 2015, p. 16), “estão gestando novas subjetividades em contínua mutação”.

Em dados estatísticos, cerca de 90% dos jovens americanos usam redes sociais, visitando os sites ao menos uma vez ao dia (PRIMACK et al., 2017). De 2005-2013, a população de usuários adultos com idades entre 18-29 anos teve um crescente de 9-90%, constituindo um total de 74% dos adultos conectados nas redes (SHENSA et al., 2015). O líder do *ranking* em número de usuários é o *Facebook*, que em 2012 atingiu o marco de um bilhão de pessoas cadastradas (ROSADO; TOMÉ, 2015).

Embora ocorra diversas críticas, certo uso do *Facebook* pode permitir uma melhor construção de “capital social” entre jovens, possibilitando a pessoas tímidas a ter maior participação em diálogos de discussões e grupo (ANTUNES, et al., 2014; TAVARES, 2012; ELLISON; STEINFELD; LAMPE, 2007; NICOLACI-DA-COSTA, 2005; BAUMAN, 2003;). Todavia, Primack e colaboradores (2017) afirmam que quanto mais tempo se passa acessando tais sites de redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram, Pinterest, Tumblr, Snapchat, etc...*), maior é o grau de percepção de isolamento social (PSI).

Para Shensa et al. (2015), o *emotional support* (suporte emocional), característica que abrange aspectos significativos para o benefício de saúde, é um dos fundamentos que podem se configurar às filiações de redes sociais. Todavia, o uso redundante de tais ferramentas também pode gerar níveis baixos deste suporte, ainda associado com uma diminuição no contato social em comunidade, baixa produção acadêmica, assim como problemas de relacionamento.

Os sites de redes sociais funcionam como mecanismos mediadores com a função de informar, educar e gerir o fluxo de informações da mídia (ANTUNES et al., 2014). Esse modo de organização virtual cria um novo modelo de interação (LIMA et al., 2012), constituindo, principalmente entre os jovens, um novo “tipo de sujeito”, moldado nesse modelo de pensar e processar informação (ROSADO; TOMÉ, 2015), criando uma nova “reconfiguração psíquica” (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

As redes sociais possibilitaram a emergência de referências de identificação; sujeitos dotados de peculiaridade que acabam se tornando líderes virtuais, cujos jovens adoram apreender suas características (frases, estilos, comportamentos). Assim, não se tem mais apenas um detentor do saber; as redes possibilitaram a livre expressão de ideias, e com isso, qualquer um pode ser formador de opiniões (LIMA et al., 2012).

Em um olhar mais expressivo sobre as redes sociais, Rodrigues e Luvizotto (2014) ponderam que estas possuem peculiaridades positivas nos sentidos da liberdade de expressão e movimentos sociais, sobre questões de identidade e gênero, direitos, leis e ideais particulares que hoje são possíveis graças os esses mecanismos. Contudo, o uso supérfluo destas ferramentas gera um menor engajamento para relações cara a cara (SHENSA et al., 2015), dificultando o contato social “real”, habilidades de relacionamento, além de estimular a uma maior sensação de exclusão e isolamento social (PRIMACK et al., 2017).

Segundo Tian (2015), o uso do *Facebook* entre jovens universitários, em Hong Kong, é voltado para atualizações sobre conjuntos de tópicos relevantes para suas próprias propriedades, assim como a manutenção de relacionamentos antigos (como colegas do ensino meio, familiares e amigos próximos). A busca por informações e a conservação de laços à distância são aspectos eminentes entre os jovens nas redes (PRIMACK et al., 2017; MAHAPATRA; SCHATZ, 2015; CHOU; EDGE, 2011).

O valor expressivo da rede, junto com uma maior liberdade de expressão também geram aspectos negativos entre os usuários. Segundo Wendt e Lisboa (2014) os sites de redes sociais também suscitam uma negatividade que se segue por meio das vias comunicativas, deste modo, em formas de ofensas, humilhação, assédio virtual por meio de postagens, textos e mensagens, dentre outros conteúdos que atingem determinados usuários. Tais modelos de “violência virtual” que são encontrados na rede é caracterizada como *cyberbullying*.

Além de uma influência marcante nas formas comunicação, elas também suscitam modificações relevantes na conduta das pessoas como: escolhas, formas de agir, de se relacionarem e estabelecem sua própria imagem aos demais, bem como estão relacionadas a aspectos de saúde como: solidão, capital social, *emotional support* (suporte emocional), percepção de isolamento social (PSI) e *cyberbullying* (PRIMACK et al., 2017; MAHAPATRA; SCHATZ, 2015; ANTUNES et al., 2014;

WENDT; LISBOA, 2014; CHOU; EDGE, 2011).

1.3 Subjetividade

A subjetividade é um processo complexo de dinâmico abarcando aspectos pessoais, históricos, sociais e culturais. Como situa Molon (2003, p. 119);

A subjetividade manifesta-se, revela-se, converte-se, materializa-se e objetiva-se no sujeito. Ela é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato e imutável. É permanentemente constituinte e constituída. Está na interface do psicológico e das relações sociais.

Como pondera o autor, a subjetividade é uma permanente constituição do sujeito pelo reconhecimento do “eu” e do “outro”. Assim, pode se considerar o mundo como um lugar de constituição da subjetividade, um mundo físico, biológico, e também, imaginário, simbólico e social. Não se pode compreendê-la como algo estático e sólido, mas algo maleável e em constante transformação.

Na fase histórica do processo de subjetivação, os modos pelos quais nos tornamos sujeitos ocorrem mediante o desenvolvimento histórico; como *práticas de si* (CARDOSO JUNIOR, 2005). Nossa subjetividade é historicamente constituída, e para cada período específico temos certo tipo de produção subjetiva. No mundo contemporâneo, os modos de vida capitalista - enraizados na cultura ocidental -, estrutura uma subjetividade pautada nos bens de produção e consumo (PERES; BORSONELLO; PERES, 2000).

As características que envolvem o processo de subjetividade são pertinentes na manifestação das pessoas em atitudes e comportamentos. Sem essa possibilidade mensurável é impossível uma análise concreta de seus fundamentos. Como situa Nicolaci-da-Costa (2005, p. 75);

Dado que é invisível, uma organização subjetiva não pode ser observada diretamente (o que é observável é sempre o comportamento e não aquilo que está por trás dele). Por esta razão, temos que criar formas de a ela ganhar acesso. Isso significa dizer que devemos tentar identificar quais os melhores indicadores externos daquilo que se passa internamente.

A subjetividade como tal, implica em uma intersubjetividade, pelo fato de não se tratar do sujeito isolado ou aprisionado em seu mundo privado. Não constituída apenas no mundo privado, mas também no mundo público (MOLON, 2003). É um processo, uma qualidade do sujeito inerente para que o mesmo se reconheça com ele

mesmo (CARDOSO JUNIOR, 2005).

2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é investigar como as redes sociais influenciam no processo de construção subjetivo.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um levantamento de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com 4 pessoas entre 20-25 anos de idades, de diferentes gêneros. Todos os participantes eram do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Três Lagoas-AEMS, e assinaram um termo de consentimento autorizando a realização da pesquisa. A apreensão das informações foi feita por meio do gravador de voz de um aparelho celular, no qual teve tempo de duração médio entre 15 a 30 minutos. A realização das entrevistas foi feita na Clínica Escola de Psicologia (Centro de Psicologia Aplicada – CEPA), no período noturno.

O estudo foi fundamentado em uma pesquisa qualitativa, buscando um melhor detalhamento da realidade dos fenômenos para um aprofundamento nos tópicos que foi proposto estudar. Para tal, embasamos nossa pesquisa em uma revisão bibliográfica através de livros, artigos, monografias e revistas eletrônicas, tanto nacionais quanto internacionais, pautado nos estudos de Bauman e outros autores contemporâneos sobre os temas de modernidade líquida, contemporaneidade, subjetividade e redes sociais, para levantar subsídios teóricos sobre o objeto de estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Resultados das Entrevistas

As entrevistas suscitaram aspectos relutantes quanto às práticas relacionais virtuais. Como indagou Lua, “as redes sociais já estão tão presentes que se torna quase impossível viver sem elas”. Uma pontuação também compartilhada com os demais participantes. Ao questionarmos; “e se não existisse redes sociais?”; foi

praticamente unanime o teor apreensivo e cruel diante da pergunta maléfica. Mas ainda sim, pontos peculiares foram identificados sobre o tema de forma particular.

Mercúrio, jovem de 23 anos, relatou que sente falta do contato interpessoal concreto, pois as dinâmicas sociais nas redes são mais “fáceis” de se participar. Segundo ele “nas redes é mais fácil você incentivar ou apoiar determinado movimento, mas no mundo real poucos se dispõem a realmente participar”. A face relacional das redes também perdeu seu foco, pois hoje elas são utilizadas muito mais como meio de informação. “Utilizo mais pelas informações, mesmo que nem todas sejam verdadeiras”; indaga o jovem. O consumismo diante dos sites, segundo o mesmo, é um fator muito presente na web; “nas redes sociais é possível ter acesso a produtos que você não teria acesso sem estar dentro daquele meio”.

Júpiter pontuou um aspecto diferente, embora concorde que as redes influam significativamente em suas escolhas, ele destacou, em sua ótica, a importância dos movimentos LGBT e sua participação dentre de tais correntes. Segundo o jovem, a princípio tinha uma posição um tanto militante quanto a qualquer agressão ou instigação contra a categoria, no entanto, como ele pondera, “hoje eu não me pinto tanto a essas babaquices, no passado eu me manifestava muito mais, mas agora sou mais controlado”.

Essa dinâmica expressiva nas redes também atingem as estruturas relacionais. Assim como Vênus, no qual foi a única a relatar uma alteração substancial em sua vida. Segundo a jovem de 25 anos, quando não se tinha “WhatsApp” sua forma de relacionamento (namoro), era de uma determinada forma, todavia quando a ferramenta se disseminou as formas de relacionamento sofreram alterações significativas. Segundo ela; “ele começou a cobrar coisas que eu não estava adaptada, como responder rápido as mensagens. Cobrava muita reciprocidade na comunicação pelas redes sociais, e isso eu não queria, gostava do nosso relacionamento antes”.

4.2 Análise dos Resultados

As entrevistas demonstraram certa conformidade quanto ao teor subjacente que as redes sociais possuem nas esferas sociais da civilização contemporânea. Como já situado em vários estudos, se difunde um assaz pendor entre as propriedades do mundo líquido (BAUMAN, 2007, 2011; LIMA et al., 2012; NICOLACI-DACOSTA, 2002; TAVARES, 2012; TFOUNI; SILVA, 2008).

Em todas as entrevistas, identificou-se uma ambiguidade para com as redes sociais. Ao questionar sobre sua relevância nas camadas da sociedade atual, todos os participantes ressaltaram o lado negativo das mídias, advertindo que “antes era bem melhor, pois havia mais dialogo”. Todavia, ao instigar o porquê ainda permaneciam fazendo o uso de tais sites, a resposta é ainda mais curiosa; “por que todo mundo usa”.

A nossa subjetividade é historicamente constituída, sendo que, para cada período historio específico, temos certo tipo de produção subjetiva. No mundo contemporâneo, os modos de vida capitalista, enraizados na cultura ocidental, estruturaram uma subjetividade pautada nos bens de produção e consumo (PERES; BORSONELLO; PERES, 2000), em que a valorização da imagem se tornou um fator difuso da sociedade moderna (LIMA et al., 2012).

Na atualidade, o grau de felicidade é “medido” pela quantidade de objetos que você adere, consome, e publica para os demais (BAUMAN, 2011). Observar os *Looks* de famosos, *Memes* que grandes páginas do *Facebook*, produtos de marcas famosas, a moda do verão, e os novos lançamentos de *smartphones*, são os passatempos preferidos dos jovens da atualidade. Nas entrevistas, todos os participantes relataram as faces influentes que as redes possuem. Seus gostos e prazeres são influenciados por esses mecanismos, sendo em grande para o consumo, e aqui vale ressaltar o consumo não meramente material, mas também o abstrato.

As redes, por apresentarem conteúdos mais acessíveis, informações mais rápidas, comunicações intercambiadas e liberdade plena; transformam as formas como as pessoas se relacionam (NICOLACI-DA-COSTA, 2005). Como indagaram os participantes, nas redes é possível ter acesso a uma ampla gama de conteúdo que, de fato, não seria possível sem frequentar tais sites. Esse modo de vida capitalista cria, segundo Lima et al. (2012), uma forma consumista de identidade virtual, onde as pessoas aderem todo que consumem a sua própria identidade.

Ora, a influência das redes sociais nas práticas individuais já é um fator difuso no mundo contemporâneo (BAUMAN, 2011), todavia diversos estudos já identificaram o lado negativo do uso de tais mecanismos e como isso implica na organização social (PRIMACK et al., 2017; MAHAPATRA; SCHATZ, 2015; WENDT; LISBOA, 2014; CHOU; EDGE, 2011).

Segundo os entrevistados, nas redes se possui um “mundo magico” onde tudo

acontece de forma utópica. É um lugar onde você pode se expressar da forma que bem entende, sem consequências, contato, ou vínculo direto. No entanto, esse teor negativo que todos os participantes refletem são em seguida reestruturados por uma questão relutante, pois, segundo eles; “Seria praticamente impossível viver sem redes sociais”. Um ponto generalizado em todas as entrevistas, fato esse que como já ponderou Nicolaci-da-Costa (2005), está criando uma nova “reconfiguração psíquica”; no qual, mediante a expansão da internet e suas novas mídias, reconfiguramos as práticas sociais de forma a sancionar um contrato tácito onde as pessoas são submetidas, mesmo que de forma não perceptiva, a fazer uso de tais mecanismos.

A ascendência da austeridade nos relacionamentos, hoje, equipara os mesmo aos objetos online, onde as pessoas “imersas” nas redes sociais difundem uma pluralidade ampla de possibilidades de “ser” e “estar”, dentro desses mecanismos. Como situou os estudos de Zappavigna (2016), essas ferramentas suscitam modificações relevantes nas formas de interação, possibilitando uma identidade virtual semelhante, ou não, ao próprio self do indivíduo. As redes sociais de *internet*, como discutido, inferem no processo de subjetivação das pessoas, assim como na dinâmica das esferas sociais.

5 CONCLUSÕES

Diante das práticas consumistas, a onivoridade do ser humano moderno se consagra em um gozo exaltado para o “ter” e o “ser” para e com os outros (LIMA, et al., 2012). O poder eloquente que se difundiu nas redes em conjunto com uma supérflua direção oblíqua que se manifestou, diluiu o modo de vida contemporâneo, diversificando as práticas sociais e a imagem individual das pessoas modernas. Assim como alertou Bauman (2011), não somos mais apenas meros consumidores de produtos, passamos, em nosso mundo líquido, a ser também objetos para consumo. Tal via é, de fato, uma qualidade de nosso tempo.

Ora, os processos de subjetivação como situou Cardoso Junior (2005), se constituem historicamente, atrelado a um átimo de influências socioculturais. As entrevistas comprovaram o fator influente das redes sociais na qualidade de escolha das pessoas, bem como formas de agir e de se relacionar com os demais, criando uma ferramenta mediadora das práticas sociais. Tais fundamentos comprovam o valor

histórico do processo de subjetivação de nossa civilização e como as redes sociais inferem na constituição das pessoas.

Em suma, todas as questões trabalhadas pelos autores foram confirmadas pelos participantes, concluindo-se que as redes sociais influem de forma significativa, se não, estrutural, nas formas de subjetivação das pessoas. Hoje, as pessoas entram em angustia recorrente por não saberem mais o que desejam, e dentre as múltiplas possibilidades que se tem a escolher, nenhuma parece indicar um caminho certo ou verdadeiro (BAUMAN, 2011). A incerteza dos entrevistados quanto ao cotidiano, a vida, e as práticas sociais, bem como suas críticas pessoais às redes é um fato relutante; todos usam, muitos reclamam, e poucos buscam mudança. Assaz é esse modo de vida moderno, as redes apenas facultaram essa qualidade de nossa civilização.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. N. et al. Monitoramento de informação em mídias sociais: o e-Monitor Dengue. TransInformação, Campinas, v.1, n. 26, p. 9-18, Jan/Abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v26n1/a02.pdf>. Acessos e 28 ago. 2017.

ARRUDA, A. G. Revista Follow: informação sobre redes sociais na internet. 2010. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Comunicação social - Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/118110>>. Acessos em 28 ago. 2017.

AZAMBUJA, D. C. de. Solidão e pós-modernidade. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 35, n. 54, p. 73-79, jul. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062012000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 ago. 2017.

BAUMAN, Z. 44 cartas do liquido mundo moderno, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 127-132. 2011.

BAUMAN, Z. Vida para o consumo; a transformação das pessoas em mercadoria, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 15-98. 2007.

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 13-55. 2003.

BERMAN, M. Tudo Que É Sólido Desmancha No Ar. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. p. 20. 1986.

CARDOSO JÚNIOR, H. R. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica. Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 18, n. 3, p. 343-349, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/28952>>.

CHOU, H.-T. G.; EDGE, N. B. S. 'They Are Happier and Having Better Lives than I Am': The Impact of Using Facebook on Perceptions of Others' Lives. Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking. v. 15, n. 2, Fev. 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22165917>. Access em 27 Ago. 2017.

COLOMBO, M. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. Rev. bras. psicodrama, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 25 39, jun. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 ago. 2017.

DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. Auto-revelação na Internet: um estudo com estudantes universitários. Aletheia, Canoas, n. 27, p. 23 35, jun. 2008. Disponível em; http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100003&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 28 ago. 2017.

ELLISON, N. B.; STEINFELD, C.; LAMPE, C. The Benefits of Facebook "Friends:" Social Capital and College Students' Use of Online Social Network Sites. Journal of Computer-Mediated Communication. V. 12, n. 4, Jul. 2007. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00367.x/full>. Access em 27 Ago. 2017.

FORBES, J. A Psicanálise do Homem Desbussolado - As reações ao futuro e o seu tratamento. (2004). Disponível em <http://www.jorgeforbes.com.br/index.php?id=115>. Acesso em 15 de agosto de 2012.

FREZZA, M.; GRISCI, C. L. I.; KESSLER, C. K. Tempo e espaço na contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de negócios. Rev. adm. contemp., Curitiba, v. 13, n. 3, p. 487-503, Sept. 2009 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552009000300009&lng=en&nrm=iso. access on 30 Aug. 2017.

LIMA, N. L. de et al. Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro , v. 64, n. 3, p. 2-18, dez. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000300002&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 08 ago. 2017.

MAHAPATRA, N.; SCHATZ, M. C. S. Social Networking Among Health Sciences

University Students: Examining Social Network Usage, Social Support, and General Well-Being. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*. v. 25, p. 618–629, maio 2015. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10911359.2015.1011253>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

MOLON, S. I. *Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 117-121.

MUATIACALE, L. A. A. S. A Popularização Do Celular E As Novas Práticas Sociais. *Rev. Estud. Comun.*, Curitiba, v. 10, n. 21, p. 29-36, jan./abr. 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/Jo%C3%A3o%20Paulo%20Oliveira/Downloads/comunicacao-3329.pdf>>. Acesso em: 26, ago. 2017.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 193-202, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2017.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 50-57, Aug. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2017.

NIR, C. *Identity Construction on Facebook*. 2012. 165 f. Tese doutorado. The Institute of Art, Design and Technology. Dun Laoghaire School of Creative Arts, 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/1878518/Identity_Construction_on_Facebook>. Acesso em: 27 ago. 2017.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zigmunt Bauman. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 301-325, June 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2017.

PERES, R. S.; BORSONELLO, E. C.; PERES, W. S. A Esquizeoanálise e a produção da subjetividade: considerações práticas e teóricas. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 5, n. 1, p. 35 43, Mar. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722000000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 out. 2017.

PRIMACK, B. A. et al. Social Media Use and Perceived Social Isolation Among Young Adults in the U.S. *American Journal of Preventive Medicine*. v. 53, n. 1, p. 1-8. Mar. 2017. Disponível em: <[http://www.ajpmonline.org/article/S0749-3797\(17\)30016-8/fulltext](http://www.ajpmonline.org/article/S0749-3797(17)30016-8/fulltext)>. Acesso em: 27 ago. 2017.

RECUERO, R. Redes Sociais Na Internet. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009. p. 102-113.

RIBEIRO, J. C.; LEITE, L.; SOUZA, S. Notas sobre aspectos sociais presentes no uso das tecnologias comunicacionais móveis contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721-09.pdf>. Acessos em 28 ago. 2017.

RODRIGUES, L. M.; LUVIZOTTO, C. K. Feminismo na internet: o caso do coletivo marcha das vadias e sua página no facebook. *Colloquium Humanarum*, v. 11, n. especial, p. 367-375, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/135661>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

ROSADO, L. A. da S.; TOME, V. M. N. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2017.

SHENSA, A. et al. Social media use and perceived emotional support among U.S. young adults. *J Community Health*. v. 41, n. 3, p. 541–549, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s10900-015-0128-8>>. Acesso em: 02 set. 2017.

TAVARES, L. A. T. A depressão como mal-estar contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579831003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109146>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

TFOUNI, F. E. V.; SILVA, N. da. A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 171-194, mar. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 ago. 2017.

TIAN, X. Network domains in social networking sites: expectations, meanings, and social capital. *Information, Communication & Society*. v. 19, p. 188-202, Mai. 2017. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369118X.2015.1050051?journalCode=rics20>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. de M. Compreendendo o fenômeno do cyberbullying. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p. 39-54, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 set. 2017.

ZAPPAVIGNA, M. Social media photography: construing subjectivity in Instagram images. *Visual Communication.*, Sydney, Australia. v. 15, n. 3, p. 271-292, jun. 2016.

Disponível em:
<<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1470357216643220#articleCitationDownloadContainer>>. Acesso em: 27 ago. 2017.